

40.º ANIVERSARIO

REVOLUÇÃO 25 DE ABRIL

OS VALORES DE ABRIL

NO FUTURO DE PORTUGAL



 **PCP**

www.pcp.pt
DEP/PCP 2014

Os valores de Abril

no futuro de Portugal



A Revolução de Abril pôs fim à ditadura fascista e à guerra colonial, contribuindo para a independência dos povos colonizados, restituiu a liberdade aos portugueses, consagrou direitos essenciais dos trabalhadores e dos cidadãos, promoveu mudanças positivas nos valores e mentalidades, impulsionou profundas transformações económicas e sociais progressistas, abriu caminho à construção de um Portugal democrático.

A política de direita prosseguida desde há 37 anos pelos sucessivos governos do PS, PSD e CDS destruiu grandes conquistas de Abril, como as nacionalizações e a reforma agrária, restaurou o domínio económico e político do capital monopolista, atingiu o Poder Local democrático, pôs em causa a soberania e a independência nacionais, acentuou desigualdades e injustiças sociais, conduziu o País a um profundo desastre económico e social.



Mas os valores da Revolução de Abril criaram profundas raízes na sociedade portuguesa e continuam a inspirar a luta dos trabalhadores e de todos os cidadãos que acreditam que é possível e necessária uma sociedade mais participada, mais justa e mais democrática.

Celebrar hoje os 40 anos da Revolução de Abril significa não esquecer os crimes e a opressão da ditadura fascista e recusar as tentativas de branqueamento e desculpabilização do fascismo e da sua história. É contrariar o conformismo, a passividade, a perda de memória e a reescrita da história.

É recordar o que foi a luta contra a ditadura fascista e as guerras coloniais e o carácter libertador do 25 de Abril.

É valorizar a actualidade dos valores e do projecto libertador da Revolução de Abril como elemento indispensável de uma política patriótica e de esquerda, que inscreva no futuro de Portugal uma efectiva democracia política, económica, cultural e social, alicerçada na afirmação da soberania e independência nacionais.

48 anos de ditadura fascista

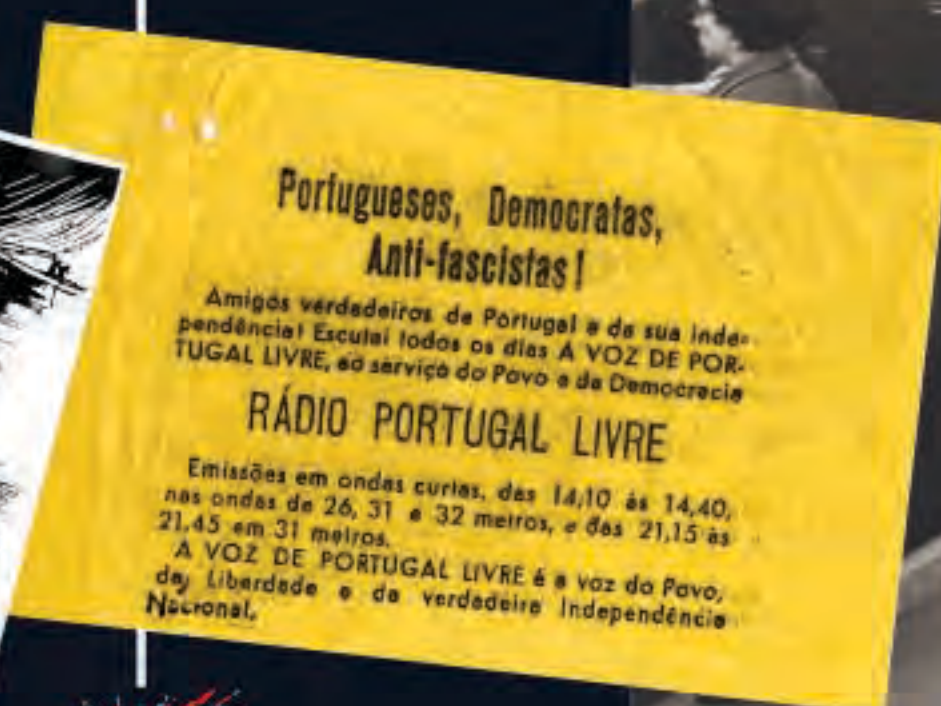
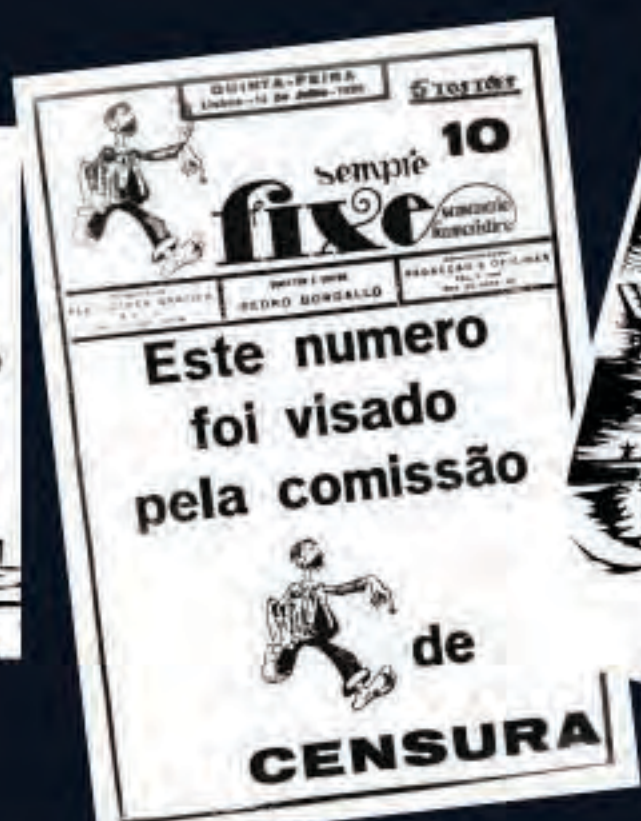
A não esquecer:



- Supressão das liberdades de expressão, de reunião, manifestação e associação.
- Proibição de partidos políticos, da liberdade sindical e do direito à greve.
- Censura e repressão pela polícia política (só no período de 1932 a 1951, registadas 20 552 prisões políticas).
- Perseguições, prisões, torturas e assassinatos de opositores à ditadura fascista.
- 13 anos de guerras coloniais, com 10 000 mortos e 30 000 feridos entre os portugueses e muitos milhares de vítimas entre os povos das ex-colónias.
- Feroz exploração dos trabalhadores e atraso económico e social.
- Domínio da economia nacional por 7 grandes grupos monopolistas.
- Uma sociedade vigiada, marcada pelo obscurantismo e pelo condicionamento da vida cultural.

O domínio da economia e da sociedade portuguesa pelos monopolistas e latifundiários aliados ao capital estrangeiro, afinal os grandes beneficiários e sustentáculos da ditadura fascista, fez com que Portugal chegasse ao 25 de Abril de 1974 como o país mais atrasado da Europa.

A emigração de milhão e meio de portugueses entre 1961 e 1973, que deixaram o País em busca lá fora do trabalho e da liberdade que cá lhes eram negados, constitui uma das mais pungentes denúncias da brutalidade e injustiça da ditadura que então existia em Portugal.

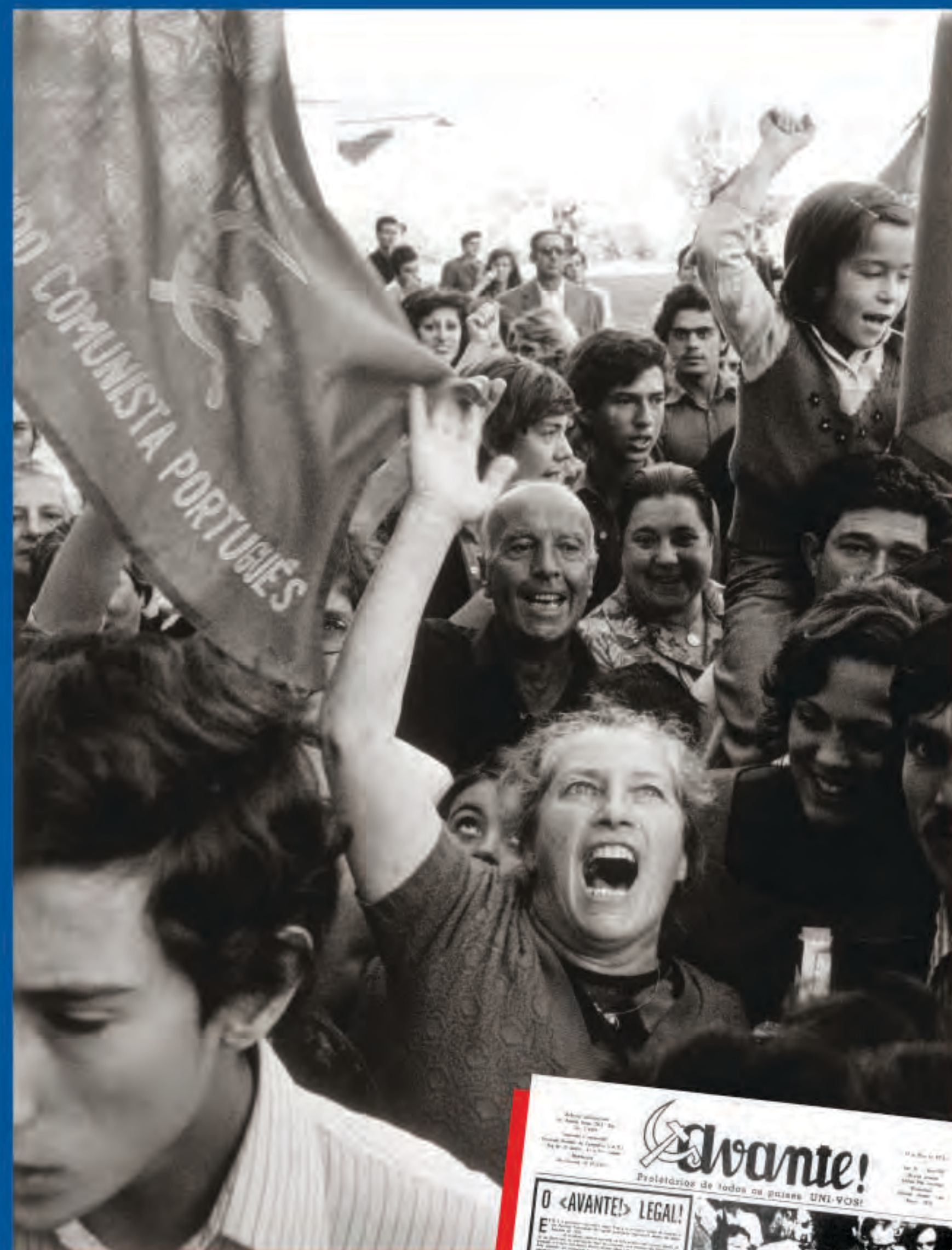


25 de Abril de 1974 Fruto de uma prolongada luta e resistência



O levantamento militar dirigido pelos heróicos capitães do MFA (Movimento das Forças Armadas) que derrubou o regime fascista e abriu a estrada da liberdade e da democracia não foi um acontecimento isolado. A iniciativa militar culminou décadas de resistência e de luta contra o fascismo, sendo imediatamente apoiada por um amplo e entusiástico levantamento popular em todo o País, com destaque para as inesquecíveis manifestações do 1º Maio de 1974, que constituiu factor decisivo para consolidar a vitória sobre o regime fascista e assegurar a democracia nascente.

25 de Abril e 1º Maio são tão inseparáveis na celebração da vitória da democracia, como são inseparáveis o contributo dos militares do MFA e da participação massiva dos trabalhadores e do povo português na Revolução de Abril e suas profundas transformações.



Conquistas que são de Abril e fazem hoje parte das nossas vidas



Liberdade sindical, de reunião, de associação, de expressão, de imprensa, direito à greve.

Eleições livres e livre formação de partidos políticos.

Autarquias Locais democraticamente eleitas e criação das Regiões Autónomas nos Açores e na Madeira.

Fim das guerras coloniais e independência das colónias portuguesas.

Salário mínimo nacional, subsídios de férias e de Natal.

Subsídio de desemprego, pensões e reformas generalizadas.

Direito de voto aos 18 anos.

Igualdade de direitos para as mulheres.

Direito à saúde, ao ensino e à educação, passes sociais.



Em nome da verdade

1 • O regime fascista e os governantes fascistas não podem ser desculpabilizados, reabilitados ou absolvidos.

O fascismo foi um regime de feroz repressão e exploração, que cometeu crimes imperdoáveis contra o povo português e os povos das colónias.

2 • Os principais méritos do derrube da ditadura não couberam aos dissidentes do regime ou a este ou àquele general.

A vitória sobre o fascismo em 25 de Abril de 1974 ficou a dever-se à luta do povo português, dos trabalhadores e do movimento operário, à resistência e à luta anti-fascista, à acção das forças e sectores democráticos, com destaque para o PCP, à coragem e determinação dos heróicos militares do MFA.

3 • Só por má-fé ou ignorância se pode pretender reabilitar o colonialismo, defender soluções neocolonialistas e atacar a conquista da independência dos povos das colónias.

A paz e o fim da guerra colonial inscreveram-se entre as mais justas, mais necessárias e mais importantes realizações da Revolução de Abril, sendo expressão da aliança do povo português e dos povos colonizados na luta contra o inimigo comum.

O adiamento da concretização do direito à independência dos povos das colónias teria significado inevitavelmente a continuação da guerra e mais sofrimentos para o povo português.

As principais responsabilidades pelos dramas posteriores ao fim da guerra colonial têm de ser assacados ao regime fascista e aos sectores ligados à tentativa de perpetuação da exploração colonial que promoveram a guerra que, com o apoio activo do imperialismo, foi movida contra os novos Estados independentes e as suas opções soberanas.

4 • As grandes transformações económicas e sociais operadas com a Revolução de Abril não foram fruto de voluntarismo ou de qualquer «desvairado radicalismo».

Antes corresponderam não apenas a justos objectivos de justiça social, de desenvolvimento económico e de salvaguarda do interesse público e nacional, mas também a medidas de emergência de defesa da jovem democracia ameaçada pela sabotagem, pela conspiração e pelos golpes dos grupos monopolistas.

5 • É velha a calúnia de que o PCP se procurou apoderar antidemocraticamente do poder para instaurar uma nova ditadura.

A verdade límpida e transparente é que o PCP foi sim uma força decisiva na resistência aos golpes contra-revolucionários desencadeados para travar a democratização da vida nacional e instaurar um poder reaccionário e autoritário.

O PCP foi sim uma força essencial na defesa da liberdade e na fundação, construção e defesa do regime democrático.

6 • A Revolução de Abril não foi um «alucinante vendaval de conflitos, confrontos, violência, agitação e instabilidade».

A Revolução de Abril foi sobretudo um tempo de participação popular, de liberdade e de democracia conquistadas e exercidas, de imaginação e criatividade, de dignificação humana, de generosidade, de grandeza e beleza nas pequenas e grandes tarefas de transformação da vida, de pujante afirmação de elevados valores éticos e cívicos.

Os confrontos e conflitos verificados tiveram causas e como causa maior a resistência, a oposição violenta e a brutal ingerência do imperialismo face ao rumo emancipador do 25 de Abril.

Continuar Abril exige derrotar o governo e a política de direita



O Pacto de Agressão da Troika (FMI/Comissão Europeia/Banco Central Europeu), assinado por PS, PSD e CDS/PP, inseparável da continuada política de direita dos seus governos, constitui a negação de Abril. A subversão dos valores e direitos conquistados com a Revolução e da Constituição da República Portuguesa que os consagra.

- Uma brutal regressão dos direitos dos trabalhadores, nomeadamente do direito ao trabalho, ao emprego.
- O ataque ao regime público da segurança social, ao Serviço Nacional de Saúde (SNS) e à Escola Pública.
- A consolidação de um País com profundas injustiças e desigualdades sociais e assimetrias regionais.
- O ataque ao Poder Local democrático, roubando freguesias às populações.
- O amarrar do País ao imperialismo, nomeadamente EUA/NATO e europeu/alemão.

À activa cumplicidade dos partidos da Troika (PS, PSD e CDS) há que afirmar a soberania e a independência nacionais, reconquistadas com o 25 de Abril de 1974!

Os 40 anos da Revolução de Abril devem ser um tempo e um momento de afirmar, nas ruas e no País, a indignação e a recusa pelo que o Governo está a fazer ao nosso povo e a Portugal, à sua história e ao seu futuro. Um momento de resistência e luta contra esta ofensiva reaccionária, contra as forças que pretendem ajustar contas com Abril, agredindo a democracia, a liberdade, a paz, o desenvolvimento de Portugal!

Os 40 anos de Abril devem ser um tempo e um momento para a convergência e unidade dos patriotas, dos homens e mulheres de esquerda, dos trabalhadores e do povo, em defesa dos valores de Abril, em defesa da Constituição da República, de exigência de ruptura com a política de direita e com o processo de integração capitalista – na União Europeia – que lhe dá suporte e de afirmação de uma política alternativa, patriótica e de esquerda.



Está nas nossas mãos. Democracia e justiça social num País soberano e independente



Retomar os caminhos de Abril!

A Revolução de Abril e com ela o exercício da liberdade, a participação directa dos cidadãos na vida pública, o direito de manifestação e de intervenção política, social ou cultural, criaram condições para que os portugueses intervenham decisivamente na construção do seu próprio futuro.

Rejeitando a passividade e o conformismo, os portugueses resistem e lutam contra uma política profundamente reaccionária, dos grandes senhores do dinheiro, de reforço da exploração dos trabalhadores e de destruição de importantes funções sociais do Estado.



Há outro caminho

uma política patriótica e de esquerda



Libertar o País da dependência, recuperar para o País o que é do País, devolver aos trabalhadores e ao povo os seus direitos, salários e rendimentos, é esse o objectivo que, no presente, deve fazer convergir as forças políticas, sectores sociais, personalidades democráticas e patriotas que aspiram a uma política alternativa que valorize o trabalho e os trabalhadores e assegure direitos e uma vida digna ao povo português.

Democracia avançada – Os valores de Abril no futuro de Portugal

É este o Programa que o PCP apresenta aos trabalhadores e ao povo, enraizado nos valores, conquistas e ideais da Revolução de Abril, uma democracia política, económica, social e cultural, baseada na Constituição da República Portuguesa.



As Portas que Abril Abriu

(...)

De tudo o que Abril abriu
ainda pouco se disse
um menino que sorriu
uma porta que se abrisse
um fruto que se expandiu
um pão que se repartisse
um capitão que seguiu
o que a história lhe predisse
e entre vinhas sobredos
vales socalcos searas
serras atalhos veredas
lezírias e praias claras
um povo que levantava
sobre um rio de pobreza
a bandeira em que ondulava
a sua própria grandeza!
De tudo o que Abril abriu
ainda pouco se disse
e só nos faltava agora
que este Abril não se cumprisse.
Só nos faltava que os cães
viesses ferrar o dente
na carne dos capitães
que se arriscaram na frente.

Na frente de todos nós
povo soberano e total
que ao mesmo tempo é a voz
e o braço de Portugal.

Ouvi banqueiros fascistas
agiotas do lazer
latifundiários machistas
balofos verbos de encher
e outras coisas em istas
que não cabe dizer aqui
que aos capitães progressistas
o povo deu o poder!
E se esse poder um dia
o quiser roubar alguém
não fica na burguesia
volta à barriga da mãe!
Volta à barriga da terra
que em boa hora o pariu
agora ninguém mais cerra
as portas que Abril abriu!

José Carlos Ary dos Santos



edições
Afronte!